

Movimento Passe Livre – SP: um estudo sobre as mobilizações populares e os processos de consciência

Beatriz Chiconi

Graduanda do curso de psicologia na Universidade Paulista – UNIP.

Contato:

beatrizchiconi@gmail.com

Palavras-chaves:

Movimento Social, Organização popular, Transporte coletivo.

Keywords:

Social Social movement, Popular organization, Collective transportation.

Resumo: O estudo tem como objetivo entender as recentes manifestações populares que ocorreram em junho de 2013 em todo o país, tendo como base o Movimento Passe Livre da cidade de São Paulo (MPL-SP), suas ações e táticas. O propósito deste estudo é entender o processo como um todo, em outras palavras, a linha tênue entre as ações individuais e coletivas e a construção da consciência destes jovens e trabalhadores que saíram às ruas. Como resultado das mobilizações de junho de 2013, foi verificado um aumento na participação em decisões políticas e uma mudança na forma de organização em manifestações e mobilizações populares. Essas mudanças são compreendidas e explicadas no artigo através do resgate histórico de lutas e análise das ações que levaram a essa alteração.

Abstract: *The study aims to understand the recent popular demonstrations that took place in June 2013 throughout the country, based on the Movement Free Pass (Movimento Passe Livre) of the city of São Paulo (MPL-SP), its action and tactics. The propose of this study is to understand the process as whole, in other words, a fine line between individual and collective actions and the construction of youth and workers awareness, who went to the streets. As a result of the mobilizations in June 2013, there has been a rise in participation in political decisions, and a change in the form of organization in popular manifestations and mobilizations. These changes are understood and explained in this article through the historical recovery of struggles and analysis of the actions that led to this change.*

Introdução

O objetivo do presente artigo é compreender o motivo das ações e manifestações populares em junho de 2013; o que fez as pessoas se mobilizarem, indo às ruas a fim de se manifestarem; qual o papel do Movimento Passe Livre nesse processo e quais foram as mudanças por consequência desses atos. Durante a busca do motivo das mobilizações populares, as reflexões e estudos tiveram como ponto inicial a compreensão de como funciona o processo de consciência. Para isso foi necessário fazer um breve resgate acerca dos movimentos sociais no Brasil. Em seguida, resgata-se a compreensão de como os movimentos sociais contribuem para a mudança do processo de consciência. Com esse entendimento do passado e do presente começou a coleta de dados de cada bibliografia. Utilizando do método histórico crítico, é possível avaliar os recentes acontecimentos de uma forma diferenciada do senso comum. De acordo com as leituras recentes que utilizam desse método sócio histórico, para compreender de forma profunda a fase atual do Brasil é necessário entender o processo de transformação pelo qual o país passou, e após compreender o processo, analisar de forma a integrar os valores e motivações dos sujeitos que mobilizam e o que os inspiram a se mobilizarem, com base em sua história de lutas (GOHN, 2000). Neste sentido, e por meio deste resgate histórico e teórico, foi compreendido o processo a partir do Movimento Passe Livre-SP, após o estudo das suas ações e táticas políticas. Foi possível, também, compreender o processo de construção de tamanha mobilização popular, o que fez as pessoas se deslocarem da zona de conforto; ou ainda, como se deu o processo de construção da consciência, tendo como foco o movimento social em questão.

O anúncio referente ao aumento da passagem

estava pendente desde janeiro de 2013. O prefeito Haddad informa que até junho de 2013 ocorreria o aumento da tarifa nos transportes e o MPL-SP ciente deste evento se aproximando já se mobilizou de maneira estratégica para arrecadar fundos e unir pessoas a causa. Em 24 de maio organizou-se uma festa rotulada de "Esquenta contra o aumento", onde receberiam além de materiais para os protestos, voluntários, doações financeiras e outros tipos de serviços e auxílio. No dia 29 de maio foi realizada uma ação local no Jardim Ângela contra o aumento da passagem. O objetivo do Movimento era conseguir realizar ações por toda a região de São Paulo, de forma que toda a massa tivesse o conhecimento sobre o aumento e sobre o motivo pelo qual deveriam participar do protesto no dia 06 de junho. Nessas ações foram utilizados debates, panfletagem e intervenções e assim foi feito. Contudo, em 02 de junho ocorre o aumento da tarifa do transporte coletivo passando a custar de R\$ 3,00 para R\$ 3,20. A primeira atitude pública que o MPL tomou após o anúncio foi de reunir pessoas, promovendo um debate sobre o transporte coletivo e sobre as tarifas, explicando o sistema atual de cobrança de impostos e apresentando outra forma para que a cobrança seja feita. O seu objetivo era realizar esse encontro um dia antes do primeiro protesto que já estava agendado, a fim de contextualizar os participantes. É dessa maneira que tem início a jornada de junho de 2013, mas a luta do brasileiro começou anos antes.

Os movimentos sociais: As lutas e a desconstrução da ideia de passividade

Ao analisar a população brasileira, foram utilizados termos como: "passivo", "cordial", "pacífico", "preguiçoso" e etc. para descrevê-los. Ao fazer isso, são es-

quecidas as lutas e conquistas pelas quais este povo passou, e quando essa memória sobre sua própria história se perde, aquelas pessoas perdem a razão de ser quem são, perdem sua referência de vida, ficando suscetíveis a manipulações que os outros podem lhe fazer, moldando-os como desejam. Diante dessa memória histórica fragilizada, a classe trabalhadora se aliena dos fatos, aceitando de forma facilitada aquilo que é contado a ela através de livros de história, notícias, reportagens da mídia e etc. A mídia é frequentemente usada como instrumento de manipulação de massa da classe dominante, que deseja essa alienação para manter a separação de classes, garantindo a posse do capital para a burguesia, criando um “mito da sociedade sem classes” e utilizando da sobreposição de valores. A minoria, por sua vez, não possui representação e voz ativa na vida pública. Segundo Sodré (2005 apud Grohmann, 2014) “tendem a serem sub-representadas ou terem uma representação distorcida de suas identidades nos meios de comunicação” (Sodre, 2005 apud Grohmann, 2014, p. 1985).

Durante o processo de luta, convocado pelo MPL (Movimento Passe Livre) em 2013, evidenciou-se o descontentamento da população e novas demandas a imagem do “gigante acordado” que foi disseminada durante as manifestações, o que reforçou a tese da soberania popular. Esse termo faz conexão com o potencial que os brasileiros têm nas mãos e com a imensa e fértil terra.

Na perspectiva histórica, o termo gigante adormecido, utilizado para descrever a passividade do brasileiro em relação à movimentação política que o cerca, deixa de fazer sentido e reforça o “esquecimento” do histórico de lutas do país. Maria da Glória Gohn (2000), em um dos seus livros que apresenta a história dos movimentos sociais no Brasil, traz informações importantes para se repensar essa ideia de passividade. Eis uma lista das lutas mais famosas no Brasil Colônia e na fase do Império: Zumbi dos Palmares (1630-1695), Inconfidência Mineira (1789), Conspiração dos Alfaiates (Minas, 1798), Revolução Pernambucana (1817), Balaiada (Maranhão, 1830-1841), Revolta dos Malês (Bahia, 1835), Cabanagem (Pará, 1835), Revolução Praieira (Pernambuco, 1847-1849), Revolta de Ibicaba (Estado de São Paulo, 1851), Revolta de Vassouras (Estado do Rio, 1858), Quebra-Quilos (Pernambuco, 1873), Revolta Muckers (Rio Grande do Sul, 1874), Revolta do Vintém (Rio de Janeiro, 1880), Canudos (Bahia, 1874-1897, massacrada pelas forças da República) Revolta da Vacina (Rio de Janeiro, 1905), Revolta da Chibata (Rio de Janeiro, 1910), Revolta do Contestado (Paraná, 1912), revoltas contra o preço do pão, por feiras livres, contra a inspeção de bagagens nas estações de trens, contra a colocação de trilhos para os bondes. Além das revoltas existiram também, segundo a autora, ligas contra o analfabetismo (1915), ligas nacionalistas pelo voto secreto e expansão da educação (1917) assim como atos públicos contra o desemprego e a carestia em São Paulo e no Rio de Janeiro.

Essas lutas enfrentaram diretamente a instituição capitalista no Brasil. A partir do tema e do eixo do movimento, o MPL teve condições de dialogar diretamente com um importante setor da sociedade, a classe trabalhadora. A consciência de classe a ser

trabalhada, como diz Ridenti (2001), não é algo pronto ou que pode ser “dado” a alguém, ela precisa vir de dentro para fora, ela é fruto de um processo. “A consciência de classe não é algo já dado, a ser levado de fora aos trabalhadores, mas um dar-se que brota e se desenvolve no interior do movimento de construção de classe” (RIDENTI, 2001, p. 34). E como ocorre esse movimento no interior das classes? Elas “começam a identificar pontos de interesse antagônicos, começam a lutar em torno dessas questões e no processo de luta elas se descobrem” (THOMPSON 1978, p. 149 apud RIDENTI, p.44, 2001).

Assim, o primeiro ponto que o MPL precisou trabalhar foi o de instruir e orientar as pessoas da classe trabalhadora através de palestras e aulas abertas, e em paralelo, manter as lutas por questões sociais. Isso foi importante, pois como cita Iasi:

“Aquilo que é visto pela pessoa em formação como mundo externo, como objetividade inquestionável, portanto como realidade, é apenas uma forma particular historicamente determinada, de se organizar as relações [...]. No entanto este caráter particular não é captado pelo indivíduo que passa a assumi-lo como natural. Assim o indivíduo interioriza estas relações, as transforma em normas, estando pronto para reproduzi-las em outras relações através da associação”. (IASI, 1999 p.12).

Ou seja, o sujeito já nasce nesse meio e acaba reproduzindo e reafirmando aquele padrão que vivência. O papel inicial do MPL, portanto, exigia que se criasse uma deslocação deste padrão, possibilitando o processo de luta e tornando possível um estágio inicial (daqueles que ainda não a manifestavam) de um processo de consciência.

É nessa fase, após o período de latência, que sociedade brasileira se encontrava. Esse período latente levou à resignificação de modelos culturais, que se tornaram opostos às pressões sociais dominantes (MERLUCCI, 1989). A partir disso, toda a sensação de revolta contra as medidas públicas que prejudicavam a classe trabalhadora que permaneciam ocultas, acabam por se tornar evidentes. Era nesse estado que a população se encontrava em 2012, antes do MPL convocar as manifestações de 2013. O Movimento Passe Livre foi como “uma presença metafísica atrás da cena, que é ocupada pelas organizações de protesto e pelos eventos de protesto” (MERLUCCI, 1989, p. 55). Entendendo que a consciência de classe se forma durante a luta, e que a princípio os manifestantes eram jovens cursando o nível superior e que vendem a sua força de trabalho. Tais dados são comprovados através de uma pesquisa do Ibope que aponta os seguintes dados: renda dos participantes, com mais de 10 salários mínimos (SM) é 23%, entre 5 a 10 SM é 26%, e até 2 SM corresponde a 15%. Com a escolaridade não foi diferente, 43% tinham curso superior completo, 49% possuíam superior incompleto e apenas 8% possuía apenas o ensino básico. Em contrapartida, a idade média dos participantes era de 14 a 29 anos (63%). Dos manifestantes, 76% trabalhavam e 52% estudavam (GOHN, 2014, p.40).

Os proletários alienados lutam apenas com os

inimigos de seus inimigos, até que avancem no processo de consciência que, como diz Iasi (1999), é um movimento e não algo estático, pois pode avançar e retroceder; compreendendo esse movimento em sua fase inicial de “dependência”, devido a um estágio de alienação. Quando uma classe começa a se formar através do processo de luta, nutrindo em si o princípio de consciência, ela age por necessidade, mas ainda não compreendeu a magnitude de suas ações e o poder coletivo. Segundo Iasi (1999, p. 08), “cada indivíduo vive sua própria superação particular, transita de certas concepções de mundo até outras[...]”. Desta forma fica evidente o primeiro passo, o contato inicial do indivíduo que se uniu a outro em meio a lutas, que transita em diferentes concepções de mundo. Ao mesmo tempo em que ocorre a luta coletiva, ocorre a superação particular de seus próprios obstáculos, tanto em sua vida cotidiana de “sobrevivência” quanto em sua subjetividade, que se modifica com o processo de luta assim como o modifica.

Em meio ao processo de luta que já ocorria no mundo devido à crise econômica e política mundial, o MPL começa a preparar espaço para o que viria a ser a maior manifestação de massa de muitos anos, novamente inviabilizando o conceito de brasileiro amorfo e cordial, resgatando uma luta por transporte que já existia no país e revelando brasileiros indignados e revoltados, que construíram um novo lema para si: gigante acordado.

Os movimentos sociais e a construção de novas percepções de mundo

Em junho de 2013 a população brasileira demonstrou sua indignação, se organizou e se mobilizou de uma forma que poucas vezes foi vista na história. Como cita Gohn (2014) e Abreu e Leite (2016) para os pesquisadores da área de humanas, esse tipo de organização popular só ocorreu em momentos críticos ou de mudanças sociais. Por exemplo, em 1960 com as greves e paralisações antes do golpe militar, em 1984 com o Movimento Diretas Já, em 1992, no impeachment do ex-presidente Fernando Collor de Melo, etc. Em todos os casos, a organização popular entrou para a história provocando mudanças significativas, ainda que não estruturais e radicais, na sociedade e no governo.

Frente às ações e mobilizações vivenciadas ao longo dos últimos anos, a aparente reação dos governantes do estado de São Paulo foi realizar pequenas concessões e utilizar algumas mídias como veículo para amenizar a revolta. Mas o que realmente deve ser observado e compreendido é: qual a razão? O que tem provocado estas ações e manifestações populares? E, para além disso, o que fez as pessoas se mobilizarem, indo às ruas e se manifestarem?

A primeira coisa a compreender é que não se trata de algo novo, o movimento social, as lutas e mobilizações populares de forma geral expressam um movimento cíclico e está atrelado a um processo de consciência das classes (IASI, 1999). A segunda coisa que é preciso observar é que, para existir um movimento social é necessário existir um grupo com mesmos valores e objetivos, com uma identidade e

uma necessidade em comum. A partir daí começa o “despertar” da consciência nascido da revolta, segundo Maria da Gloria Gohn (2000).

Um grupo, a princípio, começa com a identificação de pontos antagônicos e, unindo esses pontos em comum se inicia um processo de busca da solução. Tal fato nos mostra o despertar da consciência, gradual, a partir de cada etapa da vivência do conflito. Segundo Marcelo Ridenti (2001), um conflito tende a se tornar uma aliança, esta, por sua vez, vira uma luta, que se torna um movimento. Tal movimento pode desenvolver uma interação, em que as pessoas acabam por desenvolver a si e ao grupo. “A classe e consciência de classe são sempre o último, não o primeiro, estágio no processo histórico real” (THOMPSON, 1978, p. 49 apud RIDENTE, 2001, p.44)

Utilizando do método histórico crítico, é possível avaliar os recentes acontecimentos de uma forma diferenciada do senso comum. De acordo com as leituras recentes que utilizam desse método sócio histórico, para compreender de forma profunda a fase atual do Brasil é necessário entender o processo de transformação pelo qual o país passou, e após compreender o processo, analisar de forma a integrar os valores e motivações dos sujeitos que mobilizam e o que os inspiram a se mobilizarem, com base em sua história de lutas (GOHN, 2000).

Os movimentos sociais possuem uma característica marcante de gerar autoaprendizagem e estimularem o senso crítico e é um fator importante para compreender, antes de entender as mobilizações no Brasil. Segundo Gohn (2013) os movimentos sociais geram aprendizado devido ao processo de luta, que segundo Iasi (1999), une um indivíduo que possui questões com a qual se sente lesado e ou deseja realizar uma reivindicação a outro indivíduo que possui questões semelhantes. Assim, caminham da luta individual para a luta coletiva. Durante o processo de luta as pessoas passam a olhar pelo coletivo, fazendo com que os participantes desenvolvam uma compreensão mais ampla e diferenciada do que se passa ao seu redor. Ou seja, os movimentos proporcionam a autoaprendizagem individual e coletiva, adquirida através das vivências e ações coletivas (GOHN, 2013).

Segundo Gohn (2013) os movimentos sociais são organizações da sociedade civil com um objetivo específico. Trata-se de sujeitos sócio-políticos do associativismo no Brasil, e também base de muitas ações coletivas. Sua presença constante na história política do país é cíclica, ora avançando rumo ao pensamento coletivo, ora recuando ao individualismo, mas dotados de uma força sociopolítica com potencial de mudanças sociais em diversos planos.

A princípio os movimentos sociais tinham objetivos específicos como: luta por identidade, projetos e grupos específicos. Seu método de ação também era semelhante de um movimento para outro. Segundo Gohn (2014), com a mudança proveniente da forma de se relacionar da sociedade, os movimentos ficaram mais institucionalizados e organizados. A busca por mais participação popular e inclusão social se tornou o foco central e o termo “manifestação” passa a ser utilizado mais no sentido de organização popular para programas e projetos.

O direito ao transporte público e de qualidade e o chão social de surgimento do MPL

É devido a essa experiência coletiva, em meio a um processo de luta por transporte público de qualidade, que o MPL foi fundado. Não se trata de um processo aleatório ou ao acaso, mas é uma resposta ao que ocorria na época, fruto de um processo de luta. Antes mesmo do lançamento oficial do movimento nacionalmente, alguns eventos contextualizaram e explicaram a necessidade da existência desse movimento. Um exemplo disso foi a “Revolta do Buzu” (2003), em que estudantes se mobilizaram contra o aumento das tarifas em Salvador. Da mesma forma, em 2004 ocorreu a “Revolta das Catracas” em Florianópolis, onde também existiram relatos de um princípio de organização que mais tarde faria parte do MPL. Portanto, seguindo uma cronologia da luta por transporte é possível resgatar lutas históricas em torno desse eixo como a Revolta do Vintém (1879), ainda no século XIX, o Projeto Tarifa Zero (1990) no final do século XX, e as lutas mais recentes, a exemplo da “Revolta do Buzu” (2003), “Revolta das Catracas” (2004), plenária onde MPL tem seu início registrado (2005), “Revolta de Vitória” (2006), “Revolta de Teresina” (2011), “Revolta de Aracaju e Natal” (2012), “Revolta de Porto Alegre e Goiânia” (início de 2013) e as mobilizações populares por todo o Brasil (2013).

O MPL, desde sua origem, luta para que não exista mais a restrição do direito de ir e vir imposto pelas catracas, que marca a contradição existente na sociedade. “E, no momento que se fortalecem as catracas, as contradições do sistema tornam-se mais evidentes, suscitando processos de resistência. É em meio a essa experiência concreta da luta contra a exclusão urbana que se forjou o Movimento Passe Livre” (IASI et al, 2013, p. 22). Mantendo como regra formar um movimento autônomo e horizontal (sem hierarquia), o movimento utiliza de alguns princípios como: frente única, não ser partidário ou anti-partidário, lutar pela defesa de liberdade de manifestação e movimento, participar de espaços que permitam articulação entre outros movimentos, usar a via parlamentar, mas não depender dela, entre outros (GOHN, 2014). Sua forma de comunicação utiliza panfletagem, divulgação via aplicativo de comunicação como email, SMS e Whatsapp, e redes sociais como blog e Facebook. Essa forma de comunicação livre e aberta, mantendo documentos e atividades com livre acesso, facilita a interação desse movimento com pessoas de outros movimentos, tornando possível unir forças e objetivos. Como diria Castells (2013, p. 26), essa forma de associação que ocorre através de redes, é nova forma para reconstruir a autonomia, permitindo a interação entre localidades utilizando de meios como a internet “fazendo experiências com as tomadas de decisão com base em assembleias e reconstituindo a confiança como alicerce da interação humana”.

O processo de luta do MPL em um determinado momento histórico coincide com um momento onde as pessoas pediam por questões também relacionadas à administração pública, como saúde, segurança, educação, etc. Isso tornou possível e viável um as-

sociativismo com outros movimentos sociais, o que ocorreu por meio do que conhecemos como “redes de mobilização civil” que, segundo Gohn (2014), foi o diferencial na jornada de junho de 2013, a sequência de protestos que contaram com a maior participação de massa organizada pelo MPL.

As redes de mobilização civil podem ser descritas, segundo Barnes (1987, apud GOHN, 2013, p.34), como “como o conjunto das relações interpessoais concretas que vinculam indivíduos a outros indivíduos num dado campo social – composto, por exemplo, por uma série de atividades, eventos, atitudes, registros orais e escritos”. Através dela, grupos e indivíduos se unem e se tornam um “sujeito coletivo”, agindo pelo coletivo, com seus objetivos e ideais mesclados, levando através dessa conexão, a facilitação de mobilizações coletivas, que podem ou não estar atrelada a algum movimento social específico. Assim, rede social é definida, dentre as várias formas e contextos, como uma associação em “teia”, onde o que liga os sujeitos não são apenas grupos, mas objetivos e ideologias, etc., que por sua vez, conectam desde ONGs a grupos fechados, movimentos sociais a sujeitos civis. Devido ao caráter fluido e abrangente, a rede social tem como fruto uma “teia de contatos interligados”, e quando uma ação/mobilização coletiva tem início, os que se ligaram por diversos motivos acabam por tomar parte, tornando o processo amplo e mais abrangente.

O MPL manteve essa conexão de forma intensa. Quando ocorreu o aumento das tarifas do transporte coletivo no início de 2013, começaram os primeiros protestos, e gradualmente, obteve o apoio dos outros movimentos e pessoas. Conforme o sujeito coletivo torna-se um corpo maior, as exigências deixam de ser apenas pelo transporte, mas por uma mudança da administração pública. Uma prova disso é a resposta sobre o motivo da manifestação em junho de 2013: 37,6 % indicaram o transporte público, 29,9%, o ambiente político e apenas 0,6%, o direito e a democracia. Desse total de manifestantes, 89% afirmaram se interessar por política (GOHN, 2014). Nesse exemplo é mais fácil distinguir o efeito das redes nos movimentos e mobilizações civis, pois a relação que foi estabelecida entre os participantes vai além da classe econômica as quais pertencem, ou o território onde estabeleceram residência. São unidos por um objetivo, por um ideal e quando os manifestantes foram questionados referente à forma que se organizaram para participar da ação coletiva a resposta de 76% dos participantes alega que foram convidados via redes sociais (GOHN 2014). Assim, com a união entre militantes de diversos partidos, movimentos sociais e sujeitos desvinculados de qualquer instituição, realizada através dessa poderosa ferramenta as “redes” obtiveram a maior manifestação social desde 1992, comprovando seu poder e eficácia.

MPL rompendo catracas e muros: as articulações internacionais

As ações do MPL possuem muitas articulações. Existe um relacionamento do MPL com outros movimentos nacionais e internacionais, que compreendem a crise política ocorrida no mundo inteiro. A influência

do cenário internacional fica evidente, tanto durante o processo de luta, onde grupos de outros países atuam auxiliando na construção de táticas e estratégias utilizadas pelo MPL ao longo dos protestos na jornada de junho de 2013, quanto através do apoio de movimentos internacionais que lutam pelo mesmo objetivo como Non vi paghiamo, (Itália), o Planka nu, (Suécia), Collectif Sans Ticket (Bélgica), Fare-Free New Zealand (Nova Zelândia). Além dos países em luta, existe como referência lugares onde a cidade está estruturada de forma que o transporte seja gratuito, como Changnin (China), Talinn (Estônia), Sidney (Austrália) e Baltimore (EUA), etc.

Em alguns locais, antecedendo as manifestações ocorridas na jornada de junho, ocorreram mobilizações como “Occupy Wall Street” e “Primavera Árabe”, em locais como: Grécia, Espanha, Tunísia, Egito, Nova York, Alemanha, Argentina, etc. Nesses eventos houve a participação de grupos que atuaram em conjunto com o MPL, como o Anonymus, um grupo de ativistas digital criado nos Estados Unidos que auxilia e influencia mobilizações populares pelo mundo. Como característica principal, cobrem o rosto e se mantêm anônimos dentre a população. Este grupo influenciou na forma como as pessoas cobriam os rostos (ao diferente dos Black Blocks que cobrem o rosto com bandanas, o Anonymus utiliza de máscaras), na organização através das mídias sociais e mobilizações sem um líder específico. O MPL também estabeleceu relações com outros grupos, como os Black Blocks, grupo criado na Alemanha em 1980, cuja tática consiste na formação de “bloco” em movimento durante uma manifestação usando máscaras e roupas pretas. Suas ações tiveram como objetivo proteger manifestantes e registrar sua insatisfação contra o sistema capitalista através de ataques aos seus símbolos – bancos, lojas de automóveis, etc. Esses movimentos não fazem parte do MPL, mas se uniram à causa, demonstrando a insatisfação popular por diversas vezes em que o MPL convocou a população às ruas (Gohn, 2014).

A organização de manifestações em várias partes do mundo marcou a necessidade de (re)tomada dos espaços públicos, no Brasil e nos países citados. Segundo Gohn (2014), esses eventos internacionais como a “primavera árabe” e o “occupy wall street”, foram revoltas populares, devido à insatisfação popular com a política, conflitos religiosos, repressão, crise econômica, etc., levando as pessoas a se organizarem em oposição às situações vivenciadas. As lutas desencadeadas de maneira massiva no Brasil a partir de 2013 se inserem neste contexto de lutas mundiais.

Desta forma, devemos entender o MPL como um movimento social horizontal, que não possui um líder tomando decisões por todo o grupo, mas um conjunto de pessoas decidindo juntos quais as melhores escolhas, sem necessitar de hierarquia. Isso surge durante a luta por transporte coletivo de qualidade e sem catracas, e em meio a este processo de luta se fortalece, definindo suas estratégias e atuação com base na situação política e econômica do Brasil e de outros países. O MPL possui uma potente capacidade de conexão à rede de mobilização, tanto nacional quanto internacional, contando com o apoio desses quando convocou as manifestações que marcaram a história

do País em 2013. Assim, é possível concluir que, os métodos por ele utilizados, como a ocupação de locais públicos, já foram utilizados antes e marcam características de outros movimentos. Porém, a forma que o MPL aborda e utiliza da manifestação é algo novo, marcando uma característica de organização das “novas manifestações e mobilizações populares”.

MPL-SP: Jornada de junho de 2013

Os protestos começaram em seguida. O primeiro ato convocado pelo MPL já havia sido divulgado, com cerca de um mês de antecedência na mídia e marcado para dia 06 de junho. O ato reuniu um total de 2 mil pessoas e levantou o tema “Se a tarifa aumentar, São Paulo vai parar”. Durante o movimento, ocorreram depredações em estações de metrô, que foram fechadas e confrontos entre policiais e manifestantes, gerando 15 detenções e 50 feridos.

No segundo ato de protesto liderado pelo MPL no dia 07 de junho, o total de participantes chegou a cinco mil pessoas, centralizadas em áreas nobres. Os locais de encontro não foram selecionados de forma aleatória, foram escolhidos símbolos capitalistas, como zonas nobres ou comerciais onde a maior parte do capital se concentra; entre eles, a Avenida Paulista, Faria Lima e Avenida Rebouças. A divulgação foi negativa na mídia, que explicitou a violência, depredação e vandalismo.

Como resposta, após os atos, o MPL divulgou fotos e vídeos dos fatos ocorridos durante a manifestação e a repressão policial nas redes sociais, e também publicou uma nota que foi amplamente divulgada nas redes sociais e por movimentos parceiros, como o caso do utilizado Tarifa Zero. Nessa nota o MPL SP informa as condições que levantaram, a caminhada pacífica que realizaram, e ressaltam que ocorreram dois grandes momentos de repressão policial. No segundo momento, começaram as prisões, o que deu início aos atos de vandalismo. Nessa mesma nota, informa que o movimento não incentiva nenhum tipo de violência, mas que de acordo com o caminho que as coisas tomaram, eles não conseguem conter a revolta da população. Nesta mesma data, Daniel Guimarães do movimento Tarifa Zero publicou uma nota criticando a imprensa e sua relação com o poder, questionando a quem elas servem. Isso ocorre devido à baixa divulgação do que ocorreu nas manifestações, que só foi divulgado nas redes sociais por vídeos e imagens gravadas pelos próprios manifestantes.

No dia 09 de junho o MPL publica outra nota, como resposta a uma afirmação do prefeito Haddad. Nesta nota declara não ter controle sobre os manifestantes, pois vários movimentos e organizações se uniram a esta causa e que as decisões tomadas pelo MPL são coletivas, de forma que não possuem um “líder” a ser seguido. No dia seguinte, o Tarifa Zero publica outra nota, reafirmando a capacidade da tarifa zero em ônibus, e ressaltando a hipocrisia da mídia.

O terceiro ato ocorreu em 11 de junho, e nesse mesmo dia foram realizados antes dois protestos, no mesmo local. Este protesto passou a contar com a “Juventude do PT” e ao final, 87 ônibus foram queimados, 100 pessoas ficaram feridas e 19 detidas.

Houve confronto com a polícia e forte repressão. O MPL recorreu ao diálogo, através de um requerimento para uma reunião cuja pauta era a revogação do aumento da passagem, mas ficou sem resposta. Devido à violência exagerada desta data, no dia seguinte forma divulgadas na internet: muitas imagens, alguns vídeos e outra nota do MPL, alegando que ainda espera a oportunidade de dialogar. Posteriormente, em entrevista para o jornal O Estadão, participante do MPL informa que não vão parar enquanto a tarifa não baixar, negando pedido realizado pela prefeitura.

O quarto ato de protesto ocorreu em 13 e junho com cerca de cinco mil participantes segundo a polícia militar e vinte mil segundo o MPL (Gohn, 2014, p. 27). Centenas de pessoas ficaram feridas, incluindo jornalistas devido à repressão violenta e da conduta despreparada da polícia. Neste dia, ao invés da ação policial causar medo e reprimir as manifestações, elas funcionaram como um catalisador. A divulgação das fotos e vídeos deste dia nas redes sociais gerou uma grande comoção e revolta, resultando no aumento da quantidade de aliados à causa enquanto massa, assim como ONG's e a associação de jornalistas. Enquanto a mídia insistia na versão de "vândalos", tanto a credibilidade da mídia diminuiu como a aprovação popular aos atos chegou a 55%, segundo uma pesquisa realizada pela Folha de São Paulo.

O quinto ato de protesto ocorreu em 17 de junho e contou com 65 mil participantes em SP. O protesto iniciou no Largo da Batata e incluiu caminhada e parada breve em frente à emissora da Rede Globo SP e findou com a ocupação a frente do palácio do governo. O total de participantes chegou a 215 mil pessoas em 12 capitais.

O sexto ato ocorreu um dia depois, unindo 50 mil pessoas só em São Paulo, contando com 77% da aprovação popular segundo a pesquisa do Datafolha – outra pesquisa, nesta mesma data, indicava que a massa estava perdendo a credibilidade nas mídias, recorrendo, assim, às redes sociais como fonte de informação (GOHN, 2014, p. 29).

Em 19 de junho o aumento da tarifa foi revogado e no dia seguinte ocorreu o sétimo ato destinado à comemoração, unindo mais de um milhão de pessoas em 75 cidades do país. Após o aumento ser revogado o MPL-SP publicou uma nota alegando que não foi o movimento que revogou o aumento da tarifa, mas uma união da massa que lutou unida por um objetivo e ressaltou a importância da luta por objetivos de forma continuada. A nota foi divulgada no site do movimento e nos movimentos parceiros.

No dia 21 de junho o MPL anunciou que não convocaria mais manifestações. A última pesquisa do Datafolha na data de 28 de junho e citada por Gohn (2014) mostra que o apoio popular era de 81% no final das manifestações. Mas a luta continua, agora, buscando a tarifa zero.

Desta maneira fica aparente uma "sociedade cor-dial" inexistente, mas uma sociedade real que passa a questionar o poder do Estado e a fazer exigências, uma exigência que não começou ao acaso: carregando uma bagagem da história de lutas por melhorias e por políticas públicas, a população já estava apresentando sinais de insatisfação através das mídias sociais. Em meio a isso ocorre o aumento da tarifa no transpor-

te coletivo: nas condições atuais sociopolíticas, esse aumento foi o estopim para a revolta. O Movimento Passe Livre que já se destacava em alguns estados se mobiliza organizando a primeira manifestação.

Segundo Iasi (1999), as demonstrações de violência e revolta unem as pessoas fazendo com que elas saiam do processo do "eu não tenho" para o "nós não temos". Assim, em 75 cidades do país paralisadas e mais de um milhão de pessoas nas ruas, em 19 de junho o aumento da passagem é revogada e o Movimento Passe Livre anuncia, em 21 de junho, que não convocaria mais manifestações (Gohn, 2014).

Durante o processo de luta, outros movimentos se uniram aos atos de protesto, incluindo os Black Blocs, os anônimos e os militantes de partidos políticos (apesar de não levantar bandeira de partidos, mas lutar por um objetivo em comum). Após os atos, foi proposto um plebiscito para reforma política, mas foi retirado após algum tempo. Após o MPL se retirar das manifestações, outros protestos aconteceram, como a do movimento MST (Movimento Sem Terra), passeata dos professores, etc.; nenhuma com a quantidade de pessoas que se uniram antes, mas com uma organização diferenciada e centralizada.

Considerações finais

Através do estudo de iniciação científica que deu origem ao presente artigo, foi constatado que a jornada de junho de 2013 teve sua origem anos antes, desde as primeiras revoltas pelo transporte, que mobilizaram a população brasileira. Desde 2008, a crise econômica e política aumenta substancialmente em todo o mundo. No Brasil, essa crise acaba chegando ao auge em 2013, com o aumento da passagem como a "gota d'água" para iniciar o movimento de revolta. Analisando as informações e estudos apresentados, é possível afirmar que as manifestações potencializaram a ideia de coletivo nascido da luta, como afirma Iasi (1999), ao reportar que o indivíduo durante o processo de luta, transcende sua realidade e sua individualidade: passa a compreender aos poucos os acontecimentos históricos e a se apropriar disso, passa a olhar para o outro e se ver como parte de um todo, se tornando um sujeito coletivo dotado do potencial de mudança necessário para agir.

Quanto ao Movimento passe livre, este já existia enquanto movimento antes de convocar os primeiros atos de protestose seu papel consistiu nessa organização em rede, na exigência da catraca livre através de um novo modelo de democracia (Catells, 2013). Dessa forma, o MPL teve um papel fundamental, tanto ao iniciar os atos de protesto, quanto ao convocar a população, fornecendo conhecimento de meios públicos e um preparo pedagógico para uma nova ressignificação de ideias, crenças e valores (Freire, 1987). O MPL conduziu esse início de processo que culminou na conscientização através da luta, como uma "presença metafísica" por trás de cada ato, aliado a outros movimentos nacionais e internacionais que apoiavam o ato de revolta (Melucci, 1989). Como diz Freire (1987), é necessário compreender que a consciência para

si não pode ser dada e não pode ser forçada. Para que o homem saia da alienação e chegue a consciência para si, é necessário um caminho a percorrer. Tal caminho é percorrido durante o processo de luta que, através do aprendizado proporcionado pela vivência no movimento e com os outros participantes, se expande e faz do homem alienado, nascer um novo ser social, livre da venda opressora que o cegava. Portanto "a libertação, por isto, é um parto. E um parto doloroso. O homem que nasce deste parto é um homem novo que só é viável na e pela superação da contradição opressores-oprimidos, que é a libertação de todos" (Freire, 1987, p.19). O artigo também reforça a potencialidade das redes sociais e o aumento na descrença da mídia dominante e hegemônica, assim como uma forma diferenciada de organização, no que se refere a horizontalidade, e uma nova dinâmica do território, ao ocupar locais de forma a (re)tomar os espaços públicos.

De acordo com o TSE (Tribunal Superior Eleitoral), após a jornada de junho de 2013, houve um significativo aumento na participação popular. O avanço foi de mais de 5 milhões de eleitores de 2011 ao final de 2013. Isso nos permite compreender que a preocupação com a administração pública também foi alterada. Portanto, como disse Gohn (2014),

não foram apenas protestos, mas um momento de avanço, de despertar político e social, principalmente entre jovens, que levou a um empoderamento social e a uma retomada dos espaços públicos que levou o governo a recuar e uma expressão da indignação dos brasileiros com os representantes políticos. A base dessas mudanças, que começou com tímidas lutas e mobilizações convocadas pelo MPL, mudou de forma subjetiva aqueles que participaram ou acompanharam as lutas sociais e não mostra sinais de um "final" da luta, apesar do término da jornada de junho, mas de um avanço com pequenos retrocessos, típicos do caminhar de um processo de consciência coletiva.



Referências bibliográficas

- ABREU, L. Demetris; LEITE, F. Jader. (2016), *Protestos de Junho 2013 no Brasil: Novos repertórios de confronto*. Rio Grande do Norte, Rev. Polis e Psique.
- Carta de apresentação a princípios. <<https://mplfloripa.wordpress.com/2014/07/09/10-anos-da-revolta-da-catraca/>>. Acessado em 13/05 de 2016
- CASTELLS, Manuel. (2013), *Redes de indignação e esperança: Movimentos sociais na era da internet*. 1ª Edição, Brasil, Zahir.
- GOHN, Maria da Gloria. (2012), *Movimentos Sociais e educação*. 8ª edição, São Paulo, Cortez.
- GOHN, Maria da Gloria. (2014), *Manifestações de Junho de 2013 no Brasil e a Praça de Indignados no Mundo*. Rio de Janeiro, vozes.
- GOHN, Maria da Gloria. (2013), *Movimentos sociais e redes de mobilizações civis no Brasil contemporâneo*. 7ª edição, Rio de Janeiro, Vozes.
- GOHN, Maria da Gloria. (2000), *500 anos de lutas sócias no Brasil: movimentos sociais, ONGs e terceiro setor*. 1ª edição, Londrina, Mediações.
- GOHN, Maria da Gloria. (2014), *Novas teorias dos Movimentos Sociais*. 5ª edição. São Paulo, Loyola.
- GROHMANN, Rafael. (2014), O que o campo da comunicação tem a dizer sobre as classes sociais?. 31ª Edição. Porto Alegre, in texto UFRGS. Fare Free Transport. <<https://farefreepublictransport.com>>. Acessado em 13/05 de 2016
- FREIRE, Paulo. (1987), *Pedagogia do oprimido*. 17ª Edição. Rio de Janeiro, Paz e terra.
- IASI, Mauro Luis; DAVIS, Mike; ARANTES, Paulo; OLIVEIRA, Pedro Rocha de; ROLNIK, Raquel; SCHWARZ, Roberto; BRAGA, Ruy; VIANA, Silvia; ŽIŽEK, Slavoj; LIMA, Venício; Sakamoto, Leonardo; MAIOR, Jorge Luiz Souto; PESCHANSKI, João Alexandre; BRITO, Felipe; MARICATO, Ermínia; HARVEY, David; VAINER, Carlos. (2013), *Cidades rebeldes: Passe livre e as manifestações que tomaram conta do Brasil*. 1. edição. São Paulo, Boitempo.
- IASI, Mauro Luis. (1999), "Processo de Consciência". CPV - Centro de Documentação e Pesquisa Vergueiro 1:118.
- Melucci, Alberto (1989), *Um objetivo para os movimentos sociais?*. 17ª Edição, São Paulo, Lua nova.
- MORAES, Alana; GUTIÉRREZ, Bernardo; PARRA, Henrique; ALBUQUERQUE, Hugo; TIBLE, Jean; SCHAVELZON, Salvador. (2014), *Junho: potência das ruas e das redes*. 1. edição. São Paulo, Fundação Friederich Ebert.
- Movimento Passe Livre. <<http://www.mpl.org.br>>. Acessado em 12/12 de 2015
- Os dominantes não querem que os subalternos sejam iguais - entrevista com Lucio Gregori. <<http://tarifazero.org/2009/11/04/os-dominantes-nao-querem-que-os-subalternos-sejam-iguais-entrevista-com-lucio-gregori/>>. Acessado em 08/08 de 2016.
- RIDENTI, Marcelo. (2001), *Classes sociais e representação*. 2ª edição, São Paulo, Cortez.
- Tarifa Zero. <<http://tarifazero.org/2011/08/25/procurando-entender-a-tarifa-zero/>> Acessado em: 8/08 de 2016.
- Tribunal Superior Eleitoral. <<http://www.tse.jus.br/eleitor/estatisticas-de-eleitorado/consulta-quantitativo>>. Acessado em 09/08 de 2016.
- VIGOTSKI, Lev Semenovitch. *Pensamento e Linguagem*. 4ª edição, São Paulo, Martins.